

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA**

Ana Cláudia Pereira de Paula

**ATUAÇÃO DO NUTRICIONISTA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTOS PUBLICADOS DE 2001 ATÉ 2008**

**Porto Alegre - RS
Julho/2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA**

Ana Cláudia Pereira de Paula

**ATUAÇÃO DO NUTRICIONISTA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTOS PUBLICADOS DE 2001 ATÉ 2008**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial
para obtenção do Certificado de Especialização em Saúde Pública**

Orientador: Prof^a. Maurem Ramos

**Porto Alegre - RS
Julho/2009**

RESUMO

Parece ser carente a investigação referente à atuação do profissional nutricionista. A Resolução do CFN descreve as atribuições que o nutricionista precisa desenvolver em cada área, porém se desconhece a metodologia aplicada para estas definições. Este trabalho teve como objetivo geral identificar e analisar a produção científica sobre a atuação e/ou prática do profissional nutricionista e como objetivos específicos: verificar se as pesquisas existentes especificam a atuação do profissional de forma isolada ou interdisciplinar; identificar se as atuações investigadas estão vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) e analisar se os estudos relacionam atuação, atribuições e competências na prática profissional. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica no Banco de Dados da Capes para identificar teses e dissertações, artigos científicos publicados nos periódicos brasileiros através do BVS/SCIELO, no Google Acadêmico e na Biblioteca Virtual da UFRGS a partir do ano 2001 até 2008. Após localizada a bibliografia existente sobre o assunto, foi feita a análise dos dados com base em estruturas de categorias para responder alguns questionamentos. Através deste breve estudo, pode-se concluir que ainda é pequena a literatura em relação a atuação do nutricionista, mostrando ser este um grande e desafiador tema para futuras pesquisas.

Descritores: Área de Atuação Profissional – Nutricionista – Nutrição em Saúde Pública – Saúde Pública – Alimentação Coletiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	06
1.2 JUSTIFICATIVA	06
1.3 OBJETIVOS	07
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	07
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	07
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	08
3 DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO.....	09
3.1 Um breve histórico da formação e atuação do Nutricionista no Brasil.....	09
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	13
4.1 CAMPOS DE ATUAÇÃO	14
4.1.1 Saúde Coletiva.....	14
4.1.2 Nutrição Clínica.....	19
4.1.3 Alimentação Coletiva.....	21
4.1.4 Uma prática comum a todos os campos de atuação.....	24
4.2 AÇÕES E COMPETÊNCIAS.....	25
4.3 VÍNCULOS COM O SUS	30
4.4 INTERDISCIPLINARIDADE	31
5 CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS	40

1-INTRODUÇÃO

No cenário mundial, a emergência do campo da Nutrição, seja como ciência, política social ou profissão, é um fenômeno bem recente, ou seja, início do século XX. Na América Latina ela foi fortemente influenciada pelo médico argentino Pedro Escudero. Já no Brasil, alguns estudos apontam que este campo teria emergido no decorrer dos anos 1930-1940, com a formação em nutrologia de Josué de Castro e de Paula e Souza (Vasconcelos, 1988).

A literatura aponta que tivemos duas correntes bem definidas e bem distintas da Nutrição. Uma das correntes, de perspectiva biológica, preocupada com os aspectos clínico-fisiológicos relacionada ao consumo e à utilização biológica dos nutrientes, com forte influencia de concepções das Escolas de Nutrição e Dietética norte-americanas e dos centros europeus; nesta corrente encontravam-se nomes como Franklin de Moura Campos, Paulo Santos e Dutra de Oliveira. Esta corrente deu inicio a Nutrição Clínica (Dietoterapia), tendo o alimento como agente de tratamento. A outra corrente tinha uma perspectiva social, preocupados com os aspectos relacionados à produção, a distribuição e ao consumo de alimentos pela população brasileira, influenciados pela concepção de Pedro Escudero. Nesta corrente encontravam-se nomes como: Heitor Annes Dias e Josué de Castro; esta corrente deu origem a Alimentação Institucional, atualmente o campo da alimentação coletiva (Vasconcelos, 2002).

No Brasil, em 1938, surgiu o primeiro curso de dietistas em São Paulo, por iniciativa da Secretaria da Agricultura e Educação no Departamento de Ensino Profissional, o qual foi dirigido por Pompeu do Amaral. Em 1939, Paula e Souza, na Universidade de São Paulo, iniciou um curso semelhante, o de Nutricionista, e também de formação de Educadoras e Visitadoras de Alimentação (Costa, 2001). Os cursos que eram de nível médio foram reconhecidos como nível superior no ano de 1962 (Bosi, 1996).

O nutricionista como profissional teve sua regulamentação através da pela Lei nº5.276/67, de 24 de abril de 1967, a qual foi substituída em 17 de setembro de 1991 pela Lei nº8.234/91, a qual determina entre outras providencias, as atividades privativas

dos nutricionistas, deixando mais definida a atuação deste profissional (Bosi, 1996; Brasil, 1967; Brasil, 1991).

Para fiscalização desta atuação profissional foram criados em 1978, pela Lei 6.583 os Conselhos Federal e Regionais de Nutricionistas. Este Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) regulamentou e definiu as áreas de atuação com suas atribuições através da Resolução 380/2005 (Brasil, 1978; CFN, 2005).

Por atuação profissional entende-se, de acordo com algumas definições, o exercício de atividade ou ocupação especializada do Nutricionista. Como verifica-se, atuação é o ato ou efeito de atuar. Atuar é exercer atividade, ou estar em atividade, agir; dar atividade a; por em ação (Ferreira, s/ano), o que pode denominar-se também, de prática¹. Profissão: atividade ou ocupação especializada, da qual se podem tirar os meios de subsistência; ofício; meio de vida, emprego, ocupação, mister. E por último profissional: respeitante ou pertencente à profissão ou a certa profissão; pessoa que faz uma coisa por ofício (Ferreira, s/ano).

De forma mais clara, pode-se definir profissão como "ocupação cujas obrigações criam e utilizam de forma sistemática o conhecimento geral acumulado na solução de problemas trazidos por um cliente, tanto individual como coletivo" (Machado, 1995).

Segundo Wilensky (apud Bosi,1996 e Machado,1995) os cinco passos do processo de profissionalização são: dedicação integral; criação de escolas de treinamento; surgimento de associações profissionais; regulamentação profissional e adoção de código de ética.

¹A prática, nas palavras de Alasdair McIntyre (apud CARR e KEMMS, 1985), é "qualquer forma de atividade humana cooperativa, coerente, complexa e socialmente estabelecida" (p.206)ou seja, ação e atividade.

1.1 – DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Parece ser carente a investigação referente à atuação do profissional nutricionista. Em 1996, Bosi já destacava que a revisão bibliográfica apontava uma escassez bastante acentuada de trabalhos referentes à reflexão dos profissionais sobre a sua prática (Bosi, 1996). Investigar a atuação profissional é essencial para a construção de competências e habilidades, as quais devem ser desenvolvidas na formação do profissional conforme Diretriz Curricular do Curso de Graduação em Nutrição (Brasil, 2001).

Entende-se por Competência o conjunto de saberes e capacidades que os profissionais adquirem por meio da formação e da experiência, juntamente com a capacidade de uni-los e usá-los em diferentes situações da vida profissional.

Existe produção de conhecimento sobre a atuação/prática dos nutricionistas?

1.2 - JUSTIFICATIVA

São sete as áreas de atuação do nutricionista, conforme a Resolução do CFN N.º 380/2005, que “Dispõe sobre a Definição das Áreas de Atuação do Nutricionista e suas Atribuições, Estabelece parâmetros numéricos de referencia por área de atuação e dá outras providencias”.

Nesta Resolução as áreas de atuação do nutricionista são: Alimentação Coletiva, Nutrição Clínica, Saúde Coletiva, Docência, Indústria de Alimentos, Nutrição em Esportes, Marketing na área de Alimentação e Nutrição, até o presente momento.

A Resolução do CFN descreve as atribuições que o nutricionista precisa desenvolver em cada área, porém se desconhece a metodologia aplicada para estas definições.

O aumento do número de profissionais atuando no mercado de trabalho deixa a preocupação em saber de que maneira o profissional está atuando e que competências são necessárias para sua prática.

Nestas perspectivas, haviam as dúvidas que precisavam ser esclarecidas e foi necessário conhecer os trabalhos já existentes sobre o assunto.

1.3 – OBJETIVOS

1.3.1 – OBJETIVO GERAL

Identificar e analisar a produção científica sobre a atuação e/ou prática do profissional nutricionista.

1.3.2 – OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Verificar se as pesquisas existentes especificam a atuação do profissional de forma isolada ou interdisciplinar;
- Identificar se as atuações investigadas estão vinculadas ao Sistema Único de Saúde;
- Analisar se os estudos relacionam atuação, atribuições e competências na prática profissional.

2 – PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Foi realizada uma revisão bibliográfica no Banco de Dados da Capes para identificar teses e dissertações, artigos científicos publicados nos periódicos brasileiros através do BV5/SCIELO, no Google Acadêmico e na Biblioteca Virtual da UFRGS a partir do ano 2001 até 2008.

Utilizou-se os descritores Área de Atuação do Profissional e Nutricionista.

Pesquisou-se no Banco de Dados da Capes em duas categorias:

- CAPES – Banco de Teses de Doutorado;
- CAPES - Banco de Teses de Mestrado.

Pesquisou-se também no BV5/SCIELO encontrou-se mais artigos.

Após excluiu-se os artigos com o ano anterior ao desejado no trabalho restando vinte e três publicações. Também excluiu-se aqueles que tratavam de um assunto muito específico, por exemplo:

Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. vol.8 no.1 Recife Jan./Mar. 2008 “O aleitamento materno na pós-graduação em nutrição no Brasil: um perfil das dissertações e teses de 1974 a 2004”.

Restaram dezesseis artigos, os quais foram analisados.

Após localizada a bibliografia existente sobre o assunto, foi feita a análise dos dados com base em estruturas de categorias para responder alguns questionamentos.

As categorias a priori que trabalhou-se foram: os campos de atuação descritos nos trabalhos; ações e competências; vínculo com o SUS e interdisciplinaridade.

3– DESENVOLVIMENTO DO CONTEUDO

3.1– Um breve histórico da formação e atuação do Nutricionista no Brasil

A enfermagem tem papel importantíssimo na formação do nutricionista, uma vez que as dietistas pioneiras foram Lieselotte Ornellas e Firmina Santana, ambas enfermeiras, que se formaram na Escola de Dietistas de Buenos Aires, Argentina sob a direção de Pedro Escudero, e organizaram o primeiro curso de Dietistas no Brasil (Bosi, 1996).

Os nutricionistas foram absorvidos primeiramente, pelos hospitais e órgãos públicos de fornecimento de refeições a trabalhadores, a exemplo do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), nos anos 40. Portanto, podemos dizer que foram duas as funções originais do profissional: elaboração e orientação dietética como elemento da atenção a Saúde e administração de serviços de alimentação (Bosi, 1996).

Segundo o Conselho Federal de Nutricionista (CFN), na sua Resolução N° 380/2005 as áreas de atuação do Nutricionista são:

I. Alimentação Coletiva - atividades de alimentação e nutrição realizadas nas Unidades de Alimentação e Nutrição (UAN), como tal entendidas as empresas fornecedoras de serviços de alimentação coletiva, serviços de alimentação auto-gestão, restaurantes comerciais e similares, hotelaria marítima, serviços de *buffet* e de alimentos congelados, comissarias e cozinhas dos estabelecimentos assistenciais de saúde; atividades próprias da Alimentação Escolar e da Alimentação do Trabalhador;

II. Nutrição Clínica - atividades de alimentação e nutrição realizadas nos hospitais e clínicas, nas instituições de longa permanência para idosos, nos ambulatórios e consultórios, nos bancos de leite humano, nos lactários, nas centrais de terapia nutricional, nos Spa e quando em atendimento domiciliar;

III. Saúde Coletiva - atividades de alimentação e nutrição realizadas em políticas e programas institucionais, de atenção básica e de vigilância sanitária;

IV. Docência - atividades de ensino, extensão, pesquisa e coordenação relacionada à alimentação e à nutrição;

V. Indústria de Alimentos - atividades de desenvolvimento e produção de produtos relacionados à alimentação e à nutrição;

VI. Nutrição em Esportes - atividades relacionadas à alimentação e à nutrição em academias, clubes esportivos e similares;

VII. Marketing na área de Alimentação e Nutrição - atividades de marketing e publicidade científica relacionadas à alimentação e à nutrição.

Ainda, no anexo II desta resolução encontra-se as atribuições do Nutricionista para cada área de atuação.

Por produção de conhecimento entendem-se os saberes teóricos e práticos, resultados de pesquisas e estudos das ciências, os quais são transmitidos pela escola e também, adquiridos pela experiência (saberes tácitos) (Linden, 2005; Ramos, 1996). Pesquisa é um caminho usado para se conhecer a realidade ou encontrar verdades parciais, respostas para questões propostas; ela sempre parte de um problema ou de uma interrogação, utilizando-se de métodos científicos, tendo como objetivo a tentativa de conhecer e explicar fenômenos que ocorrem no mundo (Marconi e Lakatos, 1996).

Em 2005, o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) realizou uma pesquisa que tinha por objetivo identificar as áreas de atuação dos nutricionistas e as atribuições por segmento, entretanto o resultado desta pesquisa deve ser olhado com cuidado. Na ocasião da pesquisa eram aproximadamente 34.410 profissionais. A pesquisa utilizou uma amostra de 2.492 nutricionistas, distribuídos de forma aleatória entre as áreas: Alimentação Coletiva, Nutrição Clínica, Saúde Coletiva, Ensino-Educação, Indústria de Alimentos e Esportes (CFN, 2006). Nesta pesquisa, que teve uma amostra que correspondeu a 95% de nível de confiança com uma margem de erro de 1,89 pontos percentuais, descobriu-se que 96,5% dos nutricionistas são do sexo feminino. Também se soube que a maioria dos respondentes tinha de 20 a 40 anos de idade. Outro dado interessante da pesquisa é que 49,9% dos nutricionistas da amostra tinham menos que cinco anos de formados. Um dado preocupante é que 52,6% dos profissionais não têm pós-graduação, apenas 5,2% têm mestrado concluído e 1,1% têm Doutorado concluído.

A atuação no Sistema Único de Saúde (SUS) foi referida por 29,9% dos entrevistados, sendo que destes, 18,4% ainda estão no SUS e 11,5% já não fazem mais parte, mostrando assim a pequena inserção do nutricionista neste segmento

Por fim às áreas de atuação profissional identificada nesta pesquisa foram: alimentação coletiva – 34,59%, nutrição clínica – 43,85%, saúde coletiva – 8,14%, ensino/educação – 6,97%, indústria de alimentos – 4,01% e esporte – 2,44%.

Portanto, segundo a pesquisa, as duas áreas de atuação que a maioria dos respondentes acusa são alimentação coletiva e nutrição clínica. As demais áreas aparecem com um percentual abaixo de 10.

Retomando alguns conceitos, os quais serão abordados no decorrer do trabalho, tais como profissão, competência, conhecimento e habilidades.

Podemos definir profissão como o trabalho organizado por um indivíduo em função da comunidade social, visto que o homem vive em sociedade e necessita um do outro, sendo a profissão, portanto uma necessidade social (Cavalli, 1996).

A definição de Zarifian (1999) para competência pode ser sintetizada como a capacidade que os trabalhadores têm de enfrentar situações e acontecimentos próprios de um campo profissional, tendo iniciativa e responsabilidade, através de uma inteligência prática do que está ocorrendo e coordenando-se com outros envolvidos para mobilizar suas próprias capacidades. O exercício da competência não existe sem a profundidade dos conhecimentos que podem ser mobilizados nesta situação (Ramos, 2006).

Competência também pode ser definida como o conjunto de saberes e capacidades que os profissionais incorporam por meio da formação e da experiência, somados também a capacidade de integrá-los, utilizá-los ou transferi-los em diferentes situações profissionais. Competência profissional baseada no taylorismo-fordismo é uma combinação de conhecimentos, know how, experiências e comportamentos que exercem em determinado contexto. (Ramos, 1996).

Falar em competência é o mesmo que falar em saber fazer bem, e tem dupla dimensão: técnica e política. A dimensão técnica conduz ao conhecimento, que permite executar as atividades do trabalho e a dimensão política aponta para aquilo que é desejável, que está estabelecido com relação à atuação (Cavalli, 1996).

As habilidades são o resultado da construção das competências básicas que são consolidadas na forma de hábitos, ou o saber-fazer, que passam a ser mobilizados na construção de competências profissionais (Ramos, 1996).

Habilidade é um saber apropriado que gera um saber-fazer que não é produto de uma instrução mecanicista, mas de uma construção mental que pode incorporar novos saberes (Ramos, 1996).

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na busca realizada no Banco de Dados da Capes, nos periódicos brasileiros da BVS/SCIELO, no Google Acadêmico e na Biblioteca Virtual da UFRGS, do ano de 2001 até 2008, foram localizadas vinte e três publicações. Porém, não podemos afirmar que o número de trabalhos sobre o tema seja apenas este, pois foram utilizados os descritores Área de Atuação do Profissional e Nutricionista, que pode ter deixado de localizar algumas publicações pertinentes, isto é, estes descritores podem ter limitado esta busca.

Dos encontrados foram analisados apenas dezesseis, visto que alguns deles não eram específicos sobre o enfoque desejado para discussão. Destes localizados foi ainda menor o número dos que contemplaram os nossos objetivos, isto é, realmente tratavam das ações e competências dos nutricionistas.

Em relação aos campos de atuação descritos nos trabalhos encontra-se Saúde Pública, Nutrição Clínica, Alimentação Coletiva e Docência. Também em vários deles a Educação Nutricional, a qual não é um campo e sim uma atividade, que deve ser inerente a prática do nutricionista em todos os campos de atuação.

Encontrou-se sete trabalhos que abordavam as atividades do nutricionista na Saúde Pública, um trabalho que abordava as atividades na Nutrição Clínica, seis no campo da Alimentação Coletiva, um trabalho no campo da Docência e cinco trabalhos com abordagens relativas à Educação Nutricional independentemente do campo que ela estava inserida.

Em 1996, Bosi já destacava à escassez de trabalhos que tratavam da reflexão dos profissionais quanto a sua prática e também a falta de trabalhos referentes às relações estabelecidas no dia a dia do trabalho dos nutricionistas, ao contrário do que ocorre com outras profissões da área da saúde. Geralmente as pesquisas sobre a categoria têm sido sobre a formação e não sobre a prática profissional. Ela cita um estudo realizado por Boog et al., em 1989, em Campinas, com o objetivo de saber as atividades de rotina realizadas pelos nutricionistas, o qual revelou um lista reduzida, mostrando uma prática profissional bem restrita, não dos campos de atuação e sim das atividades desenvolvidas (Bosi, 1996).

Constituiu-se quatro tabelas que dão uma visão geral das publicações encontradas e analisadas, as quais encontram-se no anexo do trabalho.

As categorias definidas a priori são:

- Campos de atuação;
- Ações e competências;
- Vínculo com o SUS;
- Interdisciplinaridade.

4.1 CAMPOS DE ATUAÇÃO

A categoria campos de atuação foi constituída por três sub-categorias: Saúde Pública, Nutrição Clínica e Alimentação Coletiva.

4.1.1 Saúde Coletiva

Neste campo de atuação, segundo o que diz a Resolução Nº380/2005 do CFN, compete ao nutricionista prestar assistência e educação nutricional a coletividades ou indivíduos sadios, ou enfermos, em instituições públicas ou privadas e em consultório de nutrição e dietética, através de ações, programas, pesquisas e eventos, direta ou indiretamente relacionados à alimentação e nutrição, visando à prevenção de doenças, promoção, manutenção e recuperação da saúde. Esta atuação pode ser através de participação em políticas e programas institucionais, atenção básica em saúde e vigilância em saúde.

O nutricionista pode oferecer uma grande contribuição para a sociedade brasileira, pois seus conhecimentos devem ser utilizados para analisar as relações entre nutrição, saúde e doenças em coletividades. Atuar fundamentalmente na promoção, uma vez que um organismo bem nutrido e saudável é mais resistente a doenças.

Neste campo foram encontrados sete trabalhos, o que confirma o que Bosi já dizia em 2006, que são mais raras as informações e trabalhos sobre a prática profissional na Saúde Coletiva (Bosi, 1996).

Em um dos artigos analisados (Santos, 2005) é discutido o papel do nutricionista na Estratégia de Saúde da Família (ESF), a qual tem sido a principal estratégia governamental para reorientação do modelo assistencial às camadas mais carentes da população, nasceu em 1994 com o nome de Programa de Saúde da Família (PSF). Esta equipe é composta no mínimo de um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e quatro a seis agentes comunitários de saúde (ACS). Outros profissionais podem ser incorporados – a exemplo de assistentes sociais, psicólogos e nutricionistas, por exemplo, de acordo com as necessidades locais (Finkelman, 2002). Neste trabalho, onde os entrevistados, que eram profissionais de saúde integrantes da ESF, desconheciam o papel do nutricionista, bem como suas funções e atribuições, visto que se referiram como sendo função do nutricionista apenas a elaboração de dieta, o que vai de encontro com a colocação de Bosi (1996) de que o nutricionista é visto como um calculador de dieta.

Santos (2005) também diz que a falta deste profissional, inserido na equipe, abre espaços para que outros profissionais se apropriem, de forma inadequada ou superficial, do conhecimento sobre nutrição, tentando suprir esta falta, exercendo as funções do nutricionista mesmo sem ter conhecimento aprofundado de alimentação e nutrição, como é o caso muitas vezes dos profissionais da enfermagem.

Ainda segundo Santos (2005) a competência do nutricionista para integrar as equipes da Estratégia de Saúde da Família está contemplada em sua formação acadêmica, o que lhe proporciona conhecimentos que o torna capaz de gerar impactos positivos no perfil epidemiológico da população, discordo em parte desta afirmação tendo em vista o amplo investimento do Ministério da Saúde em programas de incentivo as mudanças curriculares, devido a morosidade das escolas em propor novos projetos pedagógicos adequados as novas exigências da formação. Estas propostas passam pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição, através da Resolução Nº 5/2001, estabelecendo que “a formação do Nutricionista deve contemplar as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS)”. Ou seja: os Cursos de Nutrição estão em fase de adaptação a esta nova condição, que é de diferente concepção dos cursos que seguiam anteriormente a orientação dos currículos mínimos (Falkenbach, 2006).

Entretanto é necessário repensar o processo de formação dos profissionais no sentido de trazê-los mais para perto da realidade de saúde da população; a importância do trabalho interdisciplinar, nos dias atuais é fundamental que ela faça parte efetiva do processo de formação de cada profissional da área da saúde (Machado et al., 2006). No artigo 14 de Suarez (2005) verifica-se uma crítica ao trabalho profissional em relação ao cuidado da saúde do outro, pois para o autor a formação deveria implicar em maiores conhecimentos como antropologia, sociologia, psicologia, etc.; pois estamos lidando com a vida de muitas pessoas não podendo o conhecimento ser compartimentalizado.

Em um trabalho de Bosi (1996) quando questionados sobre os motivos e o momento que os profissionais entraram na Saúde Pública, a maioria revelou ter sido por exclusão dos campos da Nutrição Clínica e da Alimentação Coletiva, devido a experiências frustrantes e traumáticas. Porém, penso que trabalhar em saúde coletiva, onde cada ser humano é único na sua conjuntura social, e subjetivamente, não deveria ser apenas por exclusão das outras áreas e sim por ter grande afinidade com o campo e também preparação técnica e humana.

No artigo de Oliveira e Radicchi (2005) que discutem a importância do papel preventivo da orientação nutricional e a inserção do nutricionista em equipe do Centro de Reabilitação (CREAB), que é uma unidade de referência em reabilitação física, destinada ao atendimento de pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) em Belo Horizonte, onde este profissional havia sido inserido recentemente. Em uma das colocações dos entrevistados verifica-se sua valorização nesta equipe “trabalhar com o nutricionista confirmou o que eu imaginava da importância dele trabalhar junto com a fisioterapia na reabilitação do paciente”.

Portanto, comparando as questões de Santos (2005) e Oliveira e Radicchi (2005) vê-se bem claramente a importância do nutricionista mostrar a sua “cara”, o seu papel, isto é, mostrar que ele inserido em uma equipe pode fazer a diferença, visto que Bosi (1996) afirma que a categoria manifesta frequentemente a sensação de não estar ocupando seu “verdadeiro espaço”. Também confirmado pela colocação de que a atuação profissional do nutricionista no campo da Saúde Pública é tímida e incipiente (Boog, 2008).

Neste artigo Boog (2008) aborda que as ações que esses profissionais referiram realizar rotineiramente foram: prescrições e orientação nutricional, palestras, campanhas, participação em programas de suplementação alimentar, vigilância sanitária e visitas domiciliares, o que vai de encontro ao preconizado pelo CFN na sua resolução.

No artigo os sujeitos estudados, manifestam que apesar dos baixos salários, o trabalho é gratificante, porque eles se sentem profissionais de saúde e educadores em saúde. Também que sua capacidade técnica não é subutilizada como acontece, por exemplo, no campo da Alimentação Coletiva, e isto é um componente importante para a realização pessoal (Boog, 2008).

Para Oliveira e Radicchi (2005) diferentemente do que acontece em outros campos de atuação desse profissional, as relações de trabalho não se mostram tensas e as questões ligadas à divisão do trabalho no interior das equipes são mais diluídas. Entretanto, é colocado por Bosi (2000) que uma importante carga psíquica que aparece na prática da Nutrição Social é o medo, pois esta prática é desenvolvida em periferia, em favelas, como no Rio de Janeiro, RJ, onde a violência atinge níveis alarmantes e há riscos muito concretos.

Para Oliveira e Radicchi (2005) o campo da saúde coletiva apresenta para o nutricionista uma oportunidade de trabalhar com maior autonomia e isto é confirmado por Bosi (2000) que diz ser este um campo onde é grande a criatividade e autonomia.

Boog (2008) refere que os nutricionistas de saúde coletiva queixam-se de serem considerados “artigos de luxo” nesta área, pois prevalece o atendimento individual sobre o coletivo, o que é uma prática dos próprios serviços e não ocorre apenas com o atendimento nutricional. Não estariam mesmo os nutricionistas, na saúde coletiva, sendo estes profissionais de “luxo”? Visto que Bosi (1996) refere que na saúde coletiva, a consulta individual não deve ser a “alma” da prática, mas os dados apontavam que continuava sendo.

Camossa et al. (2005) diz que com a ampliação das atividades do nutricionista, por meio de mudanças na legislação em 1991, a educação nutricional passa a ser “atividade privativa” deste profissional nas suas diferentes áreas de atuação e discute o trabalho do nutricionista neste sentido. O nutricionista está assumindo este papel de

educador nutricional na saúde coletiva ou está deixando que outros profissionais se apropriem desta prática educativa?

Machado et al. (2006) aborda que as ações de alimentação e nutrição, na atenção básica, se concentram no combate à desnutrição infantil, deixando de considerar a questão da transição nutricional, sobrepeso e da obesidade. Entretanto, Martini (2006) discute o papel do nutricionista na Estratégia Global Mundial, como responsável pela promoção, manutenção e recuperação da saúde. A Estratégia Global Mundial tem por objetivo que os países busquem alternativas para a diminuição das doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT), principalmente a obesidade, com a implantação de medidas que promovam a alimentação saudável e prática de atividade física. Portanto, como discute o trabalho, o nutricionista é o profissional qualificado para desempenhar este papel. Entretanto, no estudo de Oliveira e Radicchi, (2005) os entrevistados relatam, porém, que a maioria dos gestores desconhece o papel do nutricionista na saúde pública, sendo a imprensa divulgadora de uma visão de "profissional de elite" como já citado anteriormente.

Apesar de não ter sido destacado nas publicações analisadas neste campo, é importante citar como sendo um grande problema, os conflitos que surgem de natureza ideológica, isto é, a influência partidária na condução dos trabalhos (sociais) por parte dos gestores e que realmente atrapalha e desestrutura toda uma atuação profissional (Bosi,2000). Surgem com isso os sentimentos de ansiedade e de insatisfação/frustração que decorrem basicamente de uma vivência de descontinuidade do trabalho e da própria natureza dos problemas desta área (Bosi, 2000).

Já um aspecto positivo é a capacidade técnica não ser subutilizada como acontece, por exemplo, no campo da Alimentação Coletiva, o que é um componente importante para uma realização pessoal. E um aspecto negativo: os nutricionistas se queixam de sentir que outros profissionais os consideram “artigo de luxo” em Saúde Pública. E, prevalece o atendimento individual sobre o coletivo, o que reflete uma prática dos próprios serviços e não ocorre apenas com o atendimento nutricional (Boog, 2008).

4.1.2 Nutrição Clínica

Neste campo de atuação, segundo o que diz CFN a Resolução N°380/2005 do CFN, compete ao nutricionista prestar assistência e educação nutricional a coletividades ou indivíduos enfermos, em nível hospitalar, ambulatorial, domiciliar e em consultórios de nutrição e dietética, visando à prevenção de doenças, promoção, manutenção e recuperação da saúde. Esta atuação pode se dar em: hospitais, clínicas em geral, clínicas de hemodiálise, instituição de longa permanência para idoso, SPA, ambulatórios, consultórios, banco de leite humano, lactários, centrais de terapia nutricional e atendimento domiciliar.

Encontramos um trabalho que abordava este campo de atuação e realmente aprofundava a discussão sobre as atividades realizadas por este profissional em um hospital e, outro que abordava a formação do nutricionista para atuar em nutrição clínica.

No estudo de Amorin et al. (2001) é abordado que as áreas de maior atuação dos nutricionistas são as de Nutrição Clínica e Institucional, para as quais, além do conhecimento técnico é necessário um bom relacionamento pessoal, seja com pacientes ou com funcionários. Diante da imaturidade e despreparo apontados pelos nutricionistas do estudo, a situação fica muito complicada, especialmente quando assume a gerência de um serviço e tem sob a sua responsabilidade um grande número de funcionários, muitos dos quais com idade e experiência profissional, maiores do que a sua.

Na maioria das vezes, os nutricionistas ingressam no mercado de trabalho muito mais jovens, já que seu curso tem a duração de quatro anos. Justifica-se assim, entre outros fatores, a imaturidade pessoal e profissional logo no início de sua atuação, relatada por alguns dos entrevistados. A passagem entre o sonho e idealização para a realidade e o dia-a-dia da profissão é muito brusca e, na maioria das vezes, o estudante e até mesmo o profissional recém-formado, não está preparado para enfrentá-la (Amorin et al., 2001).

Já na publicação de Bertin (2005) foram levantadas as atividades do nutricionista ligado à nutrição clínica, que consistem na assistência dietoterápica

hospitalar, ambulatorial, prescrevendo, planejando, analisando, supervisionando e avaliando dietas para enfermos. Também como já citado anteriormente é oportuno salientar que as atividades desenvolvidas pelo nutricionista compreendem um conhecimento particularizado na área da saúde, assumindo, portanto um papel relevante na preservação, promoção e recuperação da saúde dos usuários. No estudo é citado que as razões mais freqüentes para não ser feito um diagnóstico adequado e uma efetiva intervenção nutricional são a falta de tempo, falta de materiais e a formação insuficiente dos nutricionistas.

Em estudo realizado por Sarmiento (2004), a autora constatou que 70% dos nutricionistas não utilizam a ficha de preparação completa, o que vem confirmar as reflexões de Akutsu et al. (2005), quanto à resistência por parte dos nutricionistas na implantação das fichas técnicas como controle diário no processo produtivo. Esse controle faz parte do conhecimento específico do nutricionista, podendo, portanto ser considerado mais uma atividade técnica que confere a qualidade e a garantia do serviço prestado.

É preciso ficar atento para que a prática desses profissionais não se distancie dos objetivos do cuidado/atenção nutricional (Bertin, 2005). Para confirmar esta preocupação é colocado por Bosi (1996) que “mesmo após trinta anos de reconhecimento legal, o nutricionista continua a ser visto como um calculador de dieta”.

O 'sonho da clínica' – desejo do nutricionista em atuar na dietoterapia – já foi apontado por outros estudos como recorrente para uma grande parcela de nutricionistas, especialmente aqueles que atuam na produção (Rodrigues, Waissmann e Peres 2007).

De acordo com Bosi, uma das explicações para este fenômeno estaria no fato de ser a nutrição uma área da Saúde e, assim, ao manifestar o desejo de atuar na Clínica, o nutricionista estaria manifestando "um desejo de resgate histórico de um conteúdo inerente ao 'ser nutricionista' (Rodrigues, Waissmann e Peres, 2007).

4.1.3 Alimentação Coletiva

Neste campo de atuação, segundo o que diz CFN através da Res. Nº380/2005, a área de alimentação coletiva, pode ser subdividida em três:

- Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN), onde compete ao nutricionista planejar, organizar, dirigir, supervisionar e avaliar os serviços de alimentação e nutrição realizando assistência e educação nutricional a coletividade ou indivíduos sadios ou enfermos;

- Alimentação Escolar, onde também compete ao nutricionista planejar, organizar, dirigir, supervisionar e avaliar os serviços de alimentação e nutrição realizando assistência e educação nutricional a coletividade ou indivíduos sadios ou enfermos;

- Alimentação do Trabalhador onde compete ao nutricionista planejar, organizar, dirigir, supervisionar e avaliar os serviços de alimentação e nutrição do Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), realizar e promover educação nutricional e alimentar ao trabalhador em instituições publicas ou privadas, por meio de ações, programas e eventos, visando a prevenção de doenças e promoção e manutenção de saúde. O trabalho pode se dar em empresas prestadoras de serviço de alimentação coletiva e refeição convênio e em empresas fornecedoras de cestas de alimentos e similares (cesta básica).

O nutricionista é o profissional encarregado de gerenciar os serviços de alimentação, e na condição de gerente, tomará para si não apenas a função de coordenar os interesses das pessoas envolvidas dentro de limites definidos pelas empresas, bem como deve incorporar como objetivo do seu trabalho as finalidades a que se destina a alimentação em uma empresa (Viana, 1996).

Foram encontrados seis trabalhos que tratavam deste campo de atuação e, desses, apenas um discutia as ações e competências de uma forma bem mais profunda.

A área de Alimentação Coletiva foi a mais citada em se tratando do desempenho de tarefas não peculiares , quanto a ética e funções privativas, ao cargo de nutricionista

e desvios de função, sendo os principais determinantes do ímpeto de abandonar esta área de atuação (Rodrigues , Waissmann e Peres; 2007).

O profissional nutricionista nas UAN na maior parte do seu tempo desempenha funções administrativas, envolvendo-se com o planejamento, a organização, o gerenciamento e o controle, fazendo com que o profissional tenha dificuldade em identificar as condições de saúde do trabalhador e muitas vezes a não desenvolver seu papel de educador com atividades de promoção da saúde (Rocha, 2007).

Bertin (2005) relata que as atividades do nutricionista, ligadas à alimentação coletiva, caracterizam-se pelo gerenciamento das atividades relacionadas ao fluxo operacional da produção de refeições, responsabilizando-se por ações que iniciam com o planejamento de cardápios, desdobrando-se com a compra, preparação, distribuição, controle e a garantia de qualidade de todos os procedimentos envolvidos.

Sarmiento (2003) refere que a realidade brasileira mostra que a expectativa da inserção do profissional no mercado de trabalho passa pela necessidade de encontrar na figura do nutricionista não um agente promotor da saúde, mas sim um administrador tecnicamente capaz de gerenciar com competência não só o seu objeto de trabalho – o alimento –, mas também os recursos materiais, humanos e financeiros da empresa.

As atividades que são desenvolvidas pelos nutricionistas, mostram que mais da metade de suas tarefas são de natureza administrativas, e relacionadas direta ou indiretamente com a produção de refeições. O profissional está voltado para a racionalização de custos dos serviços e atendimento das demandas dos trabalhadores. Suas ações caracterizam-se como um gerente, acumulando a gerência da produção, a gerência da distribuição e a gerência do controle de qualidade, isto é, somente funções de administrar o serviço de alimentação (Viana, 1996). O nutricionista que atua em alimentação coletiva tem que controlar a copa, ficar na rampa controlando a distribuição das porções, fazer recepção de mercadoria, isto é, as ações se resumem a tarefas rotineiras, para as quais pouca ou nenhuma qualificação é exigida. O que os nutricionistas de alimentação coletiva fazem que outros não fazem? (Bosi, 1996).

O nutricionista é um profissional de saúde com competência para contribuir com a saúde dos indivíduos e da coletividade. E o profissional que for atuar na área de

serviços de alimentação de coletividade deve assumir esta responsabilidade (Rocha, 2007).

Será que o nutricionista está assumindo, realmente, esta responsabilidade?

Outro ponto abordado por Bosi (1996) é que geralmente o primeiro local de trabalho de um nutricionista é uma UAN (Unidade de Alimentação e Nutrição). Mesmo aqueles que hoje não estão atuando como nutricionistas de produção, exercendo suas atividades em outra(s) área(s), já trabalharam em alimentação coletiva. Entretanto quando o profissional adquire certa experiência ou aparece uma oportunidade, ele procura migrar para outras áreas de atuação. No estudo de Rodrigues, Waissmann e Peres (2007) um dos motivos que levavam os profissionais a desistirem da produção eram as condições de trabalho. Confirmando esta colocação Viana (1996) diz que contratar um nutricionista jovem representa uma estratégia de capital, em explorar e reduzir os seus custos com uma força de trabalho que não consegue emprego em outra área, por não ter a experiência mínima que é exigida. Também por outro lado, contratá-lo jovem pode representar a facilidade de treiná-lo dentro da ideologia que a empresa quer que ele tenha a sua prática (Viana, 1996). Esta afirmação é corroborada por Bosi (1996) relatando que existe grande número de recém formados nessa área, talvez devido a pouca exigência na qualificação aliada a um serviço de tarefas rotineiras e teoricamente fáceis de serem desenvolvidas.

Apesar de ser uma subárea de atuação do nutricionista, este profissional não está preparado para atuar na saúde do trabalhador. E também não se encontra cursos de atualização e aprofundamento de nutrição nesta área do trabalho (Viana, 1996). E, como já citamos anteriormente, é neste campo que o nutricionista inicia sua vida profissional, aprendendo através de erros e acertos.

Normalmente, o profissional “se acha” um administrador de restaurante e não um profissional de saúde. Acaba fazendo atividades administrativas e não fazem nenhuma atividade inerente a sua formação, até mesmo aquelas que são privativas da categoria. Com a grande incidência de alterações e sintomas de doenças relacionadas ao padrão alimentar, os trabalhadores têm feito com que muitos médicos demonstrem interesse em desenvolver ações em conjunto com os nutricionistas, com caráter interdisciplinar, voltado para a educação nutricional (Viana, 1996). As atividades em vigilância ficam

reduzidas às ações em vigilância sanitária; não é feito o monitoramento sobre a situação de saúde do trabalhador, isto é, item das atividades em vigilância nutricional (Viana, 1996).

Ao contrário do que foi dito no campo de saúde coletiva o profissional que atua nesta área queixa-se da falta de autonomia. O nutricionista não tem consciência exata da limitação de sua autonomia, visto que, sendo um profissional de saúde, está autorizado apenas à organizar, planejar e tomar decisões referentes a este processo de administrar a produção das refeições (Viana, 1996).

Na pesquisa de Costa, Ribeiro e Ribeiro (2009), na subárea da alimentação escolar o nutricionista tem a oportunidade de desenvolver outros papéis além daquele de administrador de refeições que suavizam o efeito da pobreza sobre a população carente, como se fosse essa a única função dos programas. Desenvolvendo seu potencial como educador em nutrição, deve estar presente na transformação do espaço da merenda escolar em um ambiente de promoção da saúde e de aprendizagem, considerando que a alimentação saudável se inclui nos requisitos definidos pela Organização Panamericana de Saúde/Organização Mundial de Saúde.

O referido estudo discute a necessidade e a importância dos profissionais de adquirir, continuamente, novos conhecimentos, novas habilidades e atitudes necessárias para o desenvolvimento de suas atividades diárias (Costa, Ribeiro e Ribeiro; 2009).

O nutricionista na alimentação do escolar tem o papel de educador, como algo, pelo qual, o profissional não se apropriou ainda. A visão de um novo profissional está sendo ainda formulada, segundo os entrevistados do estudo, e neste campo, sabem o que é o ideal, o nutricionista está entendendo o que fazer, mas não sabe como exercer este papel de educador (Suarez, 2005).

4.1.4 Uma prática comum a todos os campos de atuação

Foram encontrados cinco trabalhos que abordavam as atividades do nutricionista como Educador Nutricional independente do campo em que ele estava inserido.

As atividades desenvolvidas pelo nutricionista de alimentação coletiva acabam por afastá-lo, quase que totalmente, de sua identidade de profissional de saúde, visto que sua inserção no mundo do trabalho não se dá por ele ser um agente promotor de saúde. Os profissionais colocam que a educação nutricional é o modelo ideal de prática, e que ela seria a principal via para reconhecerem-se como profissionais de saúde (Viana, 1996).

Abaixo são citadas algumas abordagens que deixam bem claro este importante papel do profissional, pois as práticas de concretização da educação nutricional direcionam-se para o exercício da mesma enquanto atividade privativa do nutricionista devidamente qualificado (Camossa et al., 2005).

A saúde da maioria das pessoas depende mais da sua nutrição que de qualquer outro fator isolado. Por isso, o objetivo primordial dos nutricionistas deve ser a educação nutricional (Rocha, 2007).

O nutricionista tem a oportunidade de desenvolver outros papéis além daquele de administrador de refeições, desenvolvendo seu potencial como educador em nutrição, e, como um agente de promoção da saúde e de aprendizagem, considerando que a alimentação saudável se inclui nos requisitos definidos pela Organização Panamericana de Saúde/Organização Mundial de Saúde (Costa, Ribeiro e Ribeiro; 2009).

Quanto à educação nutricional, mesmo que continue a existir na prática de alguns profissionais em empresas, deixou de ser a atividade principal para qual o nutricionista é contratado para a execução Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) (Viana, 1996).

4.2 AÇÕES E COMPETÊNCIAS

Apenas dois trabalhos dos localizados, aprofundaram realmente as discussões em torno das ações e competências do nutricionista, que foram os artigos 10 e 13 do quadro 2.

A prática é uma atividade humana concreta, realizada dia a dia, dentro de um contexto, que supõe um processo de intervenção do sujeito sobre um objeto ou

situação, com condições espaciais e temporais bem definidas, com base em perspectiva dinâmica, a existência de estrutura de opções bem determinadas a qual atende ao conceito de estratégias (Viana, 1996).

Ainda, segundo a autora as atividades do nutricionista supõem o conjunto de tarefas desempenhadas pelo profissional, em qualquer dos seus campos de prática, desde que sejam executadas de acordo com os princípios da ciência da nutrição e da dietética, com a finalidade de contribuir para a prevenção, recuperação e manutenção da saúde do homem (Viana, 1996).

É citado que entre as competências e habilidades que o nutricionista deve ter está a comunicação e a liderança no trabalho. Assim como, a escuta que valoriza e motiva a fala é uma habilidade/ competência a ser desenvolvida pelos profissionais de saúde (Caniné e Ribeiro, 2007).

Como uma das habilidades técnicas principais na rotina do nutricionista, encontra-se o planejamento dietético. Este planejamento tem como principais objetivos atender às exigências nutricionais da clientela; obedecer a critérios econômicos na escolha dos alimentos; respeitar as regras da técnica dietética, considerar os hábitos alimentares da clientela e seguir critérios de variedade e harmonia na escolha das preparações servidas (Silva; Bernardes, 2001). Outro autor afirma que “o planejamento do cardápio só se justifica como atividade especializada do Nutricionista se for feito em função das necessidades nutricionais da clientela” (Mello, 1998).

Também é discutido que apesar de ser um instrumento de grande valia nas atribuições do nutricionista, existe resistência na utilização das fichas de preparação na rotina profissional, mostrando mais uma vez um distanciamento na sua contribuição com a promoção da saúde (Akutsu et al., 2004).

Como já citado anteriormente, o nutricionista muitas vezes deixa de trabalhar com informações essenciais para um adequado diagnóstico e a efetiva intervenção nutricional acaba não sendo contempladas, comprometendo o atendimento integral da nutrição para avaliar a evolução do estado nutricional do paciente. Segundo os autores, as razões mais freqüentes são a falta de tempo, falta de materiais e a formação insuficiente dos nutricionistas (Bertin, 2005).

Em um dos artigos encontramos na fala de um profissional que até mesmo pessoas sem formação superior, teriam capacidade de executar tarefas diárias de uma UAN (Unidade de Alimentação e Nutrição) (Rodrigues, Waissmann e Peres; 2007).

[...] qualquer pessoa faz o tipo de serviço que você faz lá dentro [de um restaurante industrial]. Qualquer um. Pessoas com nível fundamental, oitava série têm capacidade de exercer sua atividade lá dentro. E eu falo isso porque eu tive experiência de conviver com técnicas de nutrição e pessoas que não tinham nem o curso técnico. Tinham oitava série. Conseguiram administrar muito bem [...] melhor que eu (Rodrigues, Waissmann e Peres; 2007).

Uma vez que o planejamento, a organização, a direção, a supervisão e a avaliação de uma UAN são atribuições privativas do nutricionista, garantidas pela lei nº 8234 de 1991, esses relatos desenham um quadro preocupante (Rodrigues, Waissmann e Peres 2007).

Muito preocupante esta colocação do profissional. Se o nutricionista colocar em prática as habilidades técnicas na alimentação coletiva, tais como um efetivo planejamento de cardápios, adequado a sua clientela, valendo-se de um diagnóstico nutricional, fazendo uso de fichas de preparação, educação nutricional, poderá mostrar que não é qualquer pessoa que poderá substituí-lo.

Quanto a inserção do nutricionista na Estratégia de Saúde da Família observou-se também que a falta deste profissional, inserido na equipe, abre lacunas para que outros profissionais se apropriem, de forma inadequada ou superficial, do conhecimento sobre nutrição, tentando suprir esta falta, exercendo as funções deste profissional, sem ter conhecimento aprofundado de alimentação e nutrição (Santos, 2005).

O interessante é que na maioria das falas nos estudos, o papel de educador do nutricionista foi referido como ideal, como algo, pelo qual, o profissional não se apropriou ainda. A visão de um novo profissional que está sendo ainda formulada sabe o que é o ideal, o nutricionista está entendendo o que fazer, mas não sabe como exercer este papel de educador. Os profissionais percebem o seu papel na educação alimentar para a sociedade, no entanto, não sabem como atuar neste sentido. Falta relacionar as questões de nutrição com o cotidiano das pessoas (Suarez, 2005). Portanto, o profissional não se apropriou realmente de seu papel com educador nutricional.

Com a ampliação das atividades do nutricionista, por meio de mudanças na legislação em 1991, a educação nutricional passa a ser “atividade privativa” deste profissional nas suas diferentes áreas de atuação (Camossa et. al., 2005). Confirmando esta afirmação outro artigo aborda que pela primeira vez, o profissional nutricionista foi reconhecido como responsável técnico pela Educação Nutricional, mas não como seu executor; o papel do educador ainda como um “dom” e não como uma habilidade a ser adquirida (Manço e Costa, 2004).

Como já citado anteriormente, o nutricionista mesmo ao estar iniciando sua atuação profissional costuma coordenar equipe e, isto acontece principalmente na alimentação coletiva, porém por ser jovem e na formação não ter sido trabalhado as relações interpessoais, costumam ter muitíssimas dificuldades (Amorim et al., 2001), como foi relatado por um profissional em um artigo:

Eu não tinha preparo e maturidade - a gente sai muito imatura da Faculdade, a gente sai super novinha, não tem consciência do que é lá fora - eu não tinha preparo para relações humanas. Acho que isso é uma coisa que precisa ser amadurecida, talvez um tempo maior de estágio, uma matéria, Sociologia, por exemplo, a gente tem no curso, mas é direcionada para uma coisa tão fora da realidade que a gente vai enfrentar (Amorim et al., 2001).

Dificuldades abordadas como apontam algumas publicações, quanto a atuação em alimentação coletiva: o fato das atividades serem essencialmente administrativa, a preocupação com obtenção de lucro para empresa e com isso o trabalho fica limitado a redução de gastos. Outra insatisfação neste campo é que os profissionais são obrigados a tomar certas atitudes, muitas vezes não condizentes com o seu papel, e mesmo não condizentes com os princípios que regem a ética profissional. Atividades exercidas na produção serem essencialmente administrativas, com a principal preocupação patronal/mercadológica baseava-se na garantia de uma boa margem de lucro para a empresa pela qual é contratado, ao invés de se preocupar em produzir uma alimentação saudável (Rodrigues, Waissmann e Peres; 2007), conforme relato citado na publicação:

Hoje todas as atividades são administrativas. Você não exerce muito a função de nutricionista. É muito raro um cliente te procurar querendo uma orientação nutricional, alguma dieta, alguma coisa. Então nosso trabalho hoje é totalmente administrativo, você controla custo, você tem metas. Eu já trabalhei em cinco, seis empresas, todas elas a mesma coisa: você mexe com a parte administrativa toda da empresa... Você compra e vende o tempo todo. (Rodrigues, Waissmann e Peres; 2007).

As ações descritas como sendo realizadas pelos profissionais na saúde coletiva, as quais eles referiram realizar rotineiramente foram: prescrições e orientação nutricional, palestras, campanhas, participação em programas de suplementação alimentar, vigilância sanitária e visitas domiciliares (Boog, 2008)

Já as atividades do nutricionista ligadas a nutrição clínica, consistem na assistência dietoterápica hospitalar, ambulatorial, prescrevendo, planejando, analisando, supervisionando e avaliando dietas para enfermos (Bertin, 2005).

No artigo 10 Bertin (2005) fez um mapeamento das atividades do nutricionista de Clínica e do nutricionista de produção. Penso que este trabalho foi um dos que se destacaram, entre os analisados, pois ele aprofundou as atividades realizadas pelo profissional dentro de um hospital nos seus dois campos de atuação.

Entre as atividades citadas na clínica encontra-se:

- Avaliação nutricional (AN) do paciente hospitalizado bem como os indicadores biológicos;
- Prescrição de dietas e Prescrição em prontuário/ quais situações
- Equipes de suporte nutricional
- Acompanhamento distribuição refeições
- Rotina de visita
- Registro no prontuário e impresso próprio utilizado
- Satisfação do usuário
- Protocolos utilizados
- Tipos de protocolos utilizados para atividades em clínica

Também foi feito o mapeamento das atividades do nutricionista de Produção e Gerenciamento:

- Controle de produção e gerenciamento orçamentário
- Controle de custo/refeição ou custo/dia

- Realização das compras pelo SND/UAN ou outro serviço
- Mediações realizadas pelo SND/UAN para compras
- Estatísticas realizadas pelo SND/UAN e tipos de dados

No artigo 13 de Falkenbach (2006) foi aplicado um questionário sobre as atividades técnicas dos nutricionistas, bem como das atividades complementares, segundo a Resolução do CFN nº 358/2005 e feita uma discussão sobre estas atividades, se realizadas ou não, o qual mostrou ainda ser tímida e deficiente a participação do nutricionista. Porém, foi verificado neste trabalho que em alguns casos essa deficiência tenha se dado por uma carga horária ou quadro técnico irregular.

Como já citado anteriormente foi o trabalho de Bertin (2005) juntamente com o trabalho de Falkenbach (2006) os que mais contemplaram a busca objeto desta monografia.

4.3 VÍNCULO COM O SUS

Sete dos trabalhos analisados apresentaram que as atuações tinham vínculo com o SUS.

Em um deles foi analisado a importância do nutricionista na equipe de Estratégia de Saúde da Família (Santos, 2005) e outro abordou a mudança do atendimento da equipe com a inserção do nutricionista (Oliveira e Radicchi, 2005).

A participação de outros profissionais de saúde nas equipes de Saúde da Família verificou que estes são muito reduzidos, pois o assistente social aparece em 9,3% das equipes, o psicólogo em 5,3% e o nutricionista em 4,5% (Santos, 2005).

A competência do nutricionista para integrar as Equipes de Saúde da Família está contemplada em sua formação acadêmica, o que lhe proporciona conhecimentos que o torna capaz de gerar impactos positivos no perfil epidemiológico da população (Santos, 2005).

Assim como nos demais campos da nutrição, na saúde pública, será através das atividades realizadas no dia a dia que o nutricionista vai mostrar a necessidade de sua inserção e isto se dará através de um trabalho qualificado e com a realização daquelas atividades privativas da profissão.

Se nos acomodarmos e deixarmos que outras categorias façam, o que é nosso por direito, iremos perder o que conquistamos até aqui.

4.4 INTERDISCIPLINARIDADE

Em apenas seis trabalhos foram abordados a interdisciplinaridade, porém esta abordagem se deu de uma forma bem sucinta.

É necessário definir o que é interdisciplinaridade; ela é definida no dicionário como sendo comum a duas ou mais disciplina (Ferreira, s/ano).

Em todas as equipes multidisciplinares e em todos os programas relacionados à saúde pública, a presença dos nutricionistas é fundamental para que a prevenção faça parte destas ações. Na Lei Nº 8.234/91, no artigo 4º, parágrafo único diz: “é obrigatória a participação de nutricionistas em equipes multidisciplinares, criadas por entidades públicas ou particulares e destinadas a planejar, coordenar, supervisionar, implementar, executar e avaliar políticas, programas, cursos nos diversos níveis, pesquisas ou eventos de qualquer natureza, direta ou indiretamente relacionados com alimentação e nutrição, bem como elaborar e revisar a legislação e códigos próprios desta área”.

A importância do trabalho em equipe multiprofissional, quando na modalidade de trabalho coletivo, se configura a relação recíproca entre as múltiplas intervenções técnicas e a interação dos agentes de diferentes áreas profissionais, dando-se a articulação das ações multiprofissionais e de cooperação. Neste estudo é abordado que com a inserção do nutricionista na equipe de Saúde da Família, houve melhor divisão do trabalho, diminuindo o acúmulo de funções e sobrecarga de atividades dos outros profissionais e com isso melhorou o atendimento ao usuário (Santos, 2005). Também quanto ao nutricionista inserido na equipe Multiprofissional a maioria dos entrevistados, relatou ser muito importante a participação do nutricionista no dia-a-dia da UBS. Eles referem que em Unidades de Saúde, onde há residentes nutricionistas, percebe-se que muitas dúvidas em relação à conduta dos demais profissionais sobre a alimentação da população puderam ser esclarecidas e mais bem entendidas: *O profissional de nutrição, inserido na equipe aqui, participa de tudo.* (Santos, 2005). Corroborando com o autor

anterior é citado a importância de o nutricionista trabalhar junto com a fisioterapia na reabilitação do paciente (Amorim et al., 2001).

É citado, no trabalho de Oliveira e Radicchi (2005), uma portaria que exige um profissional nutricionista nas equipes de serviços de referência em medicina física e reabilitação (grau III de complexidade), porém ainda é bastante pequena a inserção do profissional neste campo.

O nutricionista é parte integrante da equipe multiprofissional e interdisciplinar componente da proposta da residência e da qual fazem parte mais seis profissionais: assistentes sociais, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos, médicos e psicólogos (Machado et al., 2006).

Boog (2008) cita que a formação para o trabalho em equipes nos estudos que foram analisados por ela não se encontrou nenhuma referência realmente positiva à experiência de trabalho em equipe, apesar dele, em princípio, fazer parte do cotidiano da maioria dos profissionais que trabalham em Saúde Pública. Os nutricionistas queixam-se da ausência de interação e da desvalorização de seu trabalho, e esta é uma queixa referendada também por Saar e Trevisan (2007). Apesar de atuarem conjuntamente, os integrantes da pretensa “equipe” não problematizam, de forma articulada, os problemas do trabalho, caracterizando uma equipe do tipo agrupamento e não uma equipe do tipo integração. Para Peduzzi (2001) a equipe agrupamento é aquela em que ocorre apenas a justaposição de ações sem a interação efetiva entre os profissionais que realizam as várias ações.

Rodrigues e Lima (2008), em estudo sobre a representação social do cuidado no programa saúde da família, afirmam que para se pensar um novo desenho assistencial em saúde, centrado no usuário, é fundamental re-significar o processo de trabalho que passa a ser a produção do cuidado, orientada pela integralidade que requer, para sua efetivação, o trabalho de uma equipe multiprofissional.

O trabalho e a troca de saberes do nutricionista, juntamente com uma equipe multidisciplinar são constantes em seu cotidiano o que caracterizam a construção de um novo modelo assistencial de saúde: a integralidade da atenção (Bertin, 2005).

É preciso que se tenha bem claro a importância de um trabalho interdisciplinar.

Existe uma lei bem clara quanto a esta participação do nutricionista nas equipes multidisciplinares, entretanto na prática isto não está ocorrendo. Como já citado anteriormente, os gestores desconhecem muitas vezes o trabalho do nutricionista e a importância do mesmo. Também se pode dizer, que a falta de apropriação do nutricionista do seu papel, acabando auxiliando nesta realidade ruim para a categoria.

5. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta pequena revisão bibliográfica nas publicações que abordam a atuação do nutricionista pode-se dizer que ainda é um número bastante reduzido de trabalhos neste assunto. Penso que os estudiosos ainda não se deram conta da importância e da real necessidade que estes estudos trariam para a categoria.

É necessário que o nutricionista se aproprie do seu papel, fazendo as atribuições que são privativas de sua área, porque se ele deixar o espaço em branco ou mal aproveitado pode vir a ser preenchido por outra categoria.

O nutricionista não deve ter medo de fazer o que sabe, porém durante a leitura das publicações dá para sentir claramente este sentimento.

Também é importante salientar que os profissionais da área de saúde necessitam de melhor entendimento do papel do nutricionista, ampliando o seu conhecimento sobre as funções desta categoria.

Cabe dizer que é fundamental que haja, por parte das entidades de classe, uma ampla divulgação do trabalho realizado pelo nutricionista junto a população e aos gestores municipais e estaduais.

Pode-se dizer que quando o nutricionista realmente se apropria do seu papel, como profissional de saúde, educador em saúde, com certeza ele consegue fazer a diferença e mostrar a clara e evidente necessidade de sua participação em qualquer dos campos em que estiver atuando.

Temos um cenário de múltiplas concepções e práticas que o nutricionista pode encontrar a possibilidade de descobrir e/ou construir espaços nos quais suas ações sejam efetivamente educativas, estimulando práticas de alimentação saudável e transformando-se em verdadeiro agente de promoção da saúde.

6– REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKUTSU, Rita de Cássia. **Os nutricionistas brasileiros: perfil profissional e demográfico**. *Rev. Nutr.* [online]. 2008, v. 21, n. 1, pp. 7-19. ISSN 1415-5273.

AKUTSU, Rita et al. **A ficha de preparação como instrumento de qualidade**. *Revista de Nutrição, Campinas*. No prelo. Aprovada para publicação em 26 mar.2004.

AMORIN, Suely T. S. Passos de et. al. **A formação de pediatras e nutricionistas: a dimensão Humana**. *Rev.Nutr.* vol.14 nº.2 Campinas May/Aug. 2001.

ANDRADE, Lucia Pereira de; LIMA, Eronides da Silva. **A formação e a prática do nutricionista: o gênero nas entrelinhas**. *Nutrire Rev. Soc. Bras. Aliment. Nutr.* 26: 109-126, dez.2003

ANSALONI, José A. **Situação de trabalho dos Nutricionistas em empresas de refeições coletivas de Minas Gerais: trabalho técnico, supervisão ou gerência?** *Revista de Nutrição, Campinas*, v.12, n.3, p. 241-260, set./dez.1999.

BARRETO, Iara. **Sociedade, Saúde e a Formação do Nutricionista**. Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal de Goiás, 1992.

BERTIN, Renata Labronici. **Concepções e Práticas da Atenção Nutricional: um estudo de caso em uma Unidade Hospitalar com atendimento fundamentado na Humanização**. Dissertação de Mestrado (Nutrição) .Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – 2005

BOOG, Maria Cristina Faber. ARTIGO DE REFLEXÃO. **Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável** .*Revista Ciência & Saúde*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2008

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 5.276/67, D.O.U. 26/04/1967. Dispõe sobre a profissão de nutricionista, regula seu exercício e dá outras providencias.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 6.583/78, D.O.U. 24/10/1978. Cria os Conselhos Federal e Regionais de Nutricionistas, regula o seu funcionamento, e dá outras providências.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 8.234/91, D.O.U. 18/09/1991. Regulamentação da profissão de nutricionista.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Profissionalização e conhecimento: a nutrição em questão**. São Paulo : Hucitec, 1996, 205 p.

_____. **Trabalho e Subjetividade: Cargas e Sofrimento na prática da Nutrição Social**. Rev. Nutr., Campinas, 13(2): 107-115, maio/ago., 2000.

CADERNOS DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO. **A auto-avaliação do processo de formação do nutricionista no Brasil**. Curitiba : CIVITAS (Instituto Internacional de Estudos Avançados em Ciência, Técnica e Cultura, 2000, 57 p.

CAMOSSA, Ana Cristina do Amaral et. al. **Educação Nutricional: uma área em desenvolvimento**. Alim. Nutr., Araraquara v.16, n.4, p. 349-354, out./dez. 2005.

CANINÉ, E. S.; Ribeiro, V. M. B. **A prática do Nutricionista em Escolas Municipais do Rio de Janeiro: um espaço-tempo educativo**. Ciência & Educação, v. 13, n. 1, p. 47-70, 2007.

CARR, Wilfred e KEMMIS, Steohen, **Teoria crítica de La enseñanza**. Barcelona: Martinez Roca, 1985, 245 p.

CAVALLI, Suzi Barletto. **O profissional nutricionista**. Ijuí, Editora Unijui, 1995, 27 p.
 CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTA. Resolução N 380, 09 de dezembro de 2005. Disponível em :
 <<http://www.cfn.org.br/inicial/resolucao-380-atribuicao.pdf>> Acesso em: 10.dez.2008

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Perfil da atuação profissional do nutricionista no Brasil**/Conselho Federal de Nutricionistas – Brasília, DF, 2006.

COSTA, Ester de Queirós; RIBEIRO, Victória Maria Brant; RIBEIRO, Eliana Claudia de Otero. **Programa de Alimentação Escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento**. 2009. *Revista de Nutrição*.

COSTA, Nilce da Silva Campos. **A Formação do Nutricionista: educação e contradição**. Goiânia. Editora da UFG, 2000.

FALKENBACH, Danielle. **Diagnóstico da Atuação do Nutricionista na Alimentação Escolar na Região da Serra do Rio Grande do Sul nos meses de março a maio**. Especialização em Saúde Pública, Porto Alegre, UFRGS, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M. **Novo Dicionário Aurélio**. Editores Ltda. Editora Nova Fronteira AS, Primeira edição.

FINKELMAN, Jacob (Org). **Caminhos da Saúde Pública no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2002. 328 p.

KOPRUSZYNSKI, Cibele Pereira. **A Prática Pedagógica dos Nutricionistas que Atuam na Docência: Desafios e Perspectivas de Mudança**. Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2003.

LEITE, Denise (Org.). **Pedagogia Universitária: conhecimento, ética e política no ensino superior**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, 182 p.

LINDEN, Sonia. **Educação Nutricional: algumas ferramentas de ensino**. São Paulo, Livraria Varela, 2005, 153 p.

MACHADO, Maria Helena (org.). **Profissões de saúde: uma abordagem sociológica**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1995, 193 p.

MACHADO, Neila Maria Viçosa et al. **Reflexões sobre Saúde, Nutrição e a Estratégia de Saúde da Família**.

http://nutricao.saude.gov.br/documentos/noticia_01_09_06.pdf.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996, p 15-24.

MARTINI, Camila Jaenisch. **A importância da educação nutricional como instrumento da Estratégia Global da OMS para Alimentação Saudável**. Especialização em Saúde Pública, Porto Alegre, UFRGS, 2006.

MELO, Ione. **Administração e atenção dietética: uma visão dualista da prática do Nutricionista na empresa**. 1998. 91 f. Dissertação (Mestrado em Nutrição). Curso de pós-graduação em Nutrição, Universidade federal de Alagoas. Maceió.

OLIVEIRA, Tatiana Resende Prado Rangel de; RADICCHI, Antônio Leite Alves. **Inserção do nutricionista na equipe de atendimento ao paciente em reabilitação física e funcional**. Rev. Nutr. vol.18 nº.5 Campinas Sept./Oct. 2005.

PEDUZZI, M. **Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia**. Rev. Saúde Pública. Vol. 35. Nº 1. 103-109. 2001.

RAMOS, Marise Nogueira. **A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?** 3. Ed. São Paulo, Cortez, 2006, 320 p.

ROCHA, Tatiana Forgiarini da. **O Profissional Nutricionista e sua Atuação na Promoção a Saúde em Unidade de Alimentação e Nutrição.** Especialização em Saúde Pública, Porto Alegre, UFRGS, 2007.

RODRIGUES, K.M.; WAISMANN, W.; PERES, F.. **Condições de trabalho e perfil profissional dos nutricionistas egressos da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, entre 1994 e 2001.** Ciênc. Saúde Coletiva vol.12 nº.4. Rio de Janeiro July/Aug. 2007.

RODRIGUES, MP; LIMA, KC; Roncalli, AG. **A representação social do cuidado no programa saúde da família na cidade de Natal.** Ciênc. saúde coletiva. Vol. 13 nº1 71-82. 2008.

SAAR, SRC; TREVISAN, MA. **Papéis profissionais de uma equipe de saúde: visão de seus integrantes.** Rev. Latinoam Enfermagem. Vol.15 nº 1 . 1 -16-.2007.

SANTOS, Anderson Carlos dos. **A inserção do nutricionista na Estratégia da Saúde da Família: o olhar de diferentes trabalhadores da saúde.** Fam. Saúde Desenv., Curitiba, v.7, n.3, p.257-265, set./dez. 2005.

SARMENTO, Carla Tavares de Moraes. **Perfil do Nutricionista de Unidades da Alimentação e Nutrição e sua Atuação na Promoção da Saúde.** Dissertação de Mestrado (Ciências da Saúde). Distrito Federal, 2003.

SILVA, Sandra; BERNARDES, Silvia. **Cardápio: guia prático para a elaboração.** São Paulo: Atheneu, 2001.

SOUZA, Carmem Lisiane Escouto de. **Limites e Possibilidades do Processo de Construção de Projeto Político-Pedagógico: Histórias de um Curso de Nutrição.** Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006.

SUAREZ, Melissa. **Estudo das Concepções e Relações dos Nutricionistas da Rede Básica de Saúde e da Rede de Escolas Municipais de Porto Alegre na Prática de Educação Nutricional.** Especialização em Saúde Pública, Porto Alegre, UFRGS, 2005.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. **O nutricionista no Brasil: uma análise histórica.** Rev. Nutr. Vol. 15 Nº 2. Campinas. Mai/Ago 2002.

VEIROS, Marcela Boro. **Análise das condições de trabalho do nutricionista na atuação como promotor de saúde em uma Unidade de Alimentação e Nutrição: um estudo de caso.** Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002. 225 f.

Quadro 1 – Quadro de Análise dos artigos

Nº Art.	Campos de Atuação dos artigos	Ações e Competências	Vínculo com o SUS	Interdisciplinaridade
1	Estratégia de Saúde da Família (ESF)	Não	Sim	Sim
2	As diversas áreas da nutrição	Sim	Não	Não
3	Nutrição Clínica	Não	Não	Não
4	Saúde Pública	Sim	Sim	Sim
5	ESF	Sim	Sim	Sim
6	Saúde Pública – alimentação saudável Rede Básica de Saúde/PSF	Sim	Sim	Sim
7	Educação nutricional em saúde pública; diferentes áreas de atuação.	Sim	Não	Não
8	Programa Alimentação Escolar (PAE) – espaço educativo	Sim	Não; Políticas Públicas	Não
9	Educação Nutricional - diversos campos de atuação	Sim	Não	Não
10	Alimentação coletiva e Nutrição clínica	Sim	Sim	Sim
11	Educação Nutricional em Saúde Pública	Não	Sim	Não
12	A área de alimentação coletiva	Sim	Não	Não
13	Programa de Alimentação do Escolar (PAE)	Sim	Não; políticas Públicas	Sim
14	Alimentação Escolar e Atenção Básica – educação nutricional	Não	Sim	Não
15	A área de alimentação coletiva	Sim	Não	Não
16	Docência	Sim	Não	Não

Quadro 2 – Quadro de Síntese das publicações analisadas

Nº ARTIGO	SINTESE
Artigo 1	Visava problematizar a ausência do nutricionista na ESF, utilizando-se do olhar de diferentes trabalhadores de saúde (médico, enfermeiras, técnico e auxiliar de enfermagem, agentes comunitários de saúde). Apresenta argumentos que podem auxiliar os nutricionistas na discussão de sua inserção no mercado de trabalho do Programa de Saúde da Família (PSF).
Artigo 2	Tinha por objetivo elaborar um perfil profissional e descrever as condições de trabalho dos nutricionistas egressos desta universidade, em suas diferentes áreas de atuação, bem como localizando suas inserções no mercado de trabalho, vínculos empregatícios, jornada, formação profissional e remuneração.
Artigo 3	Conhecer a percepção destes profissionais de saúde sobre a sua formação e a contribuição da mesma no trato com os pacientes e/ou clientes. Este artigo é parte de uma dissertação de Mestrado em Educação que aborda a dimensão humana na formação dos profissionais de saúde.
Artigo 4	Compreender os motivos e o modo como se deu a entrada do nutricionista na equipe do Centro de Reabilitação CREAB, localizado em Belo Horizonte, MG.
Artigo 5	Neste texto propõe-se uma reflexão no sentido de buscar elucidar os caminhos que envolvem a participação de outros profissionais, aqui especificamente o nutricionista, na formação e composição da equipe de Saúde da Família.
Artigo 6	O artigo tem por objetivo analisar a inserção do nutricionista no campo da Saúde Pública, a partir de estudos que realizaram esse diagnóstico e refletir sobre o desenvolvimento de competências para a promoção de práticas alimentares saudáveis.
Artigo 7	Com o objetivo de apresentar, de forma cronológica, a produção de conhecimentos sobre Educação Nutricional no período de 1990 a 2005, destacando contribuições possíveis à área.
Artigo 8	Analisar práticas e concepções educativas de nutricionistas da equipe de Supervisão Técnica do Instituto de Nutrição Annes Dias - órgão responsável pelo Programa de Alimentação Escolar (PAE), da Prefeitura do município do Rio de Janeiro - e a compreensão que esses profissionais têm do papel que desempenham no Programa.
Artigo 9	Tem como objetivo apresentar teoricamente as principais concepções envolvidas na Educação Nutricional e sinalizar possíveis rumos.
Artigo 10	Tese de Mestrado que teve como objetivo identificar as concepções e práticas relacionadas à atenção nutricional em uma Unidade de Alimentação e Nutrição, inserida em uma instituição hospitalar em processo de implantação do programa de humanização da cidade de Florianópolis, SC.
Artigo 11	Monografia do curso de especialização em saúde pública que teve como objetivo fazer uma reflexão a respeito da Estratégia Global da OMS para alimentação saudável, por meio de uma revisão da literatura, tendo como eixo principal a análise sobre a Educação Nutricional como instrumento na promoção de práticas alimentares saudáveis.
Artigo 12	Monografia do curso de especialização em saúde pública que teve como objetivo verificar a atuação do nutricionista na promoção da saúde nas UAN e também identificar a existência de educação nutricional junto aos trabalhadores.
Artigo 13	Monografia do curso de especialização em saúde pública que teve como objetivo avaliar a adequação da atuação dos Nutricionistas no Programa de Alimentação Escolar (PNAE) dos quatorze municípios da 4ª Coordenadoria Regional de Educação do RS à Resolução Nº 358/2005.
Artigo 14	Monografia do curso de especialização em saúde pública que teve como objetivo compreender a realidade da prática de educação nutricional dos nutricionistas da rede básica de saúde e da rede das escolas municipais de Porto Alegre.
Artigo 15	Tese de Mestrado que teve como objetivo caracterizar a atuação dos Nutricionistas na promoção da saúde da clientela atendida nas UANs do Distrito Federal e identificar o perfil desse profissional, confrontando sua atuação técnica e administrativa com o seu papel de profissional de saúde.
Artigo 16	Tese de Mestrado que teve como objetivo identificar as características da prática pedagógica do nutricionista docente, investigar junto aos professores da área de nutrição a sua concepção de prática pedagógica e caracterizar o perfil profissional dos nutricionistas que atuam na docência.

Quadro 3 – Quadro de autores e ano das publicações analisadas

Nº ARTIGO	AUTOR/ANO
Artigo 1	Santos, 2005
Artigo 2	Rodrigues, Waissmann e Peres; 2007
Artigo 3	Amorin et al., 2001
Artigo 4	Oliveira e Radicchi, 2005
Artigo 5	Machado et al., 2006
Artigo 6	Boog, 2008
Artigo 7	Camossa et al, 2005
Artigo 8	Caniné e Ribeiro, 2007
Artigo 9	Manço e Costa, 2004
Artigo 10	Bertin, 2005
Artigo 11	Martini, 2006
Artigo 12	Rocha, 2007
Artigo 13	Falkenbach, 2006
Artigo 14	Suarez, 2005
Artigo 15	Sarmento, 2003
Artigo 16	Kopruszynski, 2003

Quadro 4 – Quadro de artigos x campos de atuação

ÁREA DE ATUAÇÃO	ARTIGOS
Saúde Coletiva	Artigo 1, Artigo 4, Artigo 5, Artigo 6, Artigo 7, Artigo 11 e Artigo 14
Nutrição Clínica	Artigo 3 e Artigo 10
Alimentação Coletiva	Artigo 2, Artigo 10, Artigo 12, Artigo 13, Artigo 14 e Artigo 15
Docência	Artigo 16
Educação Nutricional	Artigo 7, Artigo 8, Artigo 9, Artigo 11 e Artigo 14